

Palocci quer retorno do crédito

Ministro aponta melhora de indicadores e cobra de banqueiros internacionais reativação de linhas

NOVA YORK – A melhora de alguns indicadores da economia brasileira, notadamente a queda do dólar e do risco país, demonstram uma renovada confiança da comunidade financeira internacional no Brasil. Isso, no entanto, não está se traduzindo na reativação das linhas de crédito comerciais, praticamente interrompidas em meio à especulação do período pré-eleitoral do ano passado. O assunto foi alvo de cobrança do ministro da Fazenda, Antônio Palocci, durante sua participação no seminário *Brazil Summit 2003*, que reuniu alguns dos principais banqueiros do mundo ontem em Nova York.

– Queremos que o mesmo reconhecimento que os investidores estão dando aos nossos títulos e moeda seja dado às perspectivas de crescimento e fortalecimento da economia do Brasil. Queremos restabelecer e incrementar as linhas de crédito comercial. É para isso que estou aqui – afirmou.

Essas linhas de crédito são importantes porque ajudam a garantir os superávits da balança comercial brasileira dos últimos meses. Perguntado se o dólar perto de R\$ 3 não prejudicaria esses saldos, Palocci argumentou que fixar cotações foi um dos erros do passado que não pretende repetir, preferindo cometer “erros novos”.

– Isso (o câmbio fixo) já levou à ruína alguns países da América Latina. Antes de assumirmos o governo, tivemos a preocupação de estudar a história econômica do Brasil, que é riquíssima em invencionices econômicas. Isso gerou prejuízos. Portanto, não queremos cometer erros do passado. Quero cometer erros no-

vos – contou.

Palocci destacou que alguns bancos já anunciaram aumento das linhas de crédito ao país como o Citibank, que pretende emprestar 10% mais este ano frente a 2002. O ministro também minimizou o fato de relatórios de alguns bancos estrangei-

ros não preverem incrementos nesses financiamentos.

– Vai levar algum tempo para as linhas voltarem aos níveis anteriores. Pelo menos, por enquanto, os cortes pararam e as linhas não estão recolhendo mais.

Já com relação à reforma tributária, o ministro descartou estender aos Estados participação nas receitas e contribuições, como a CPMF. A reivindicação foi feita em carta divulgada pelos governadores do PSDB. Segundo Pa-

locchi, a reforma não pode aumentar a carga tributária e tem de obedecer ao princípio de neutralidade, ou seja, não pode favorecer União, Estados e municípios de forma desigual. O ministro, porém, aplaudiu a cobrança dos governadores de mais ousadia na reforma.

– Procuramos ser cautelosos, mas se os governadores acharem que se pode ousar mais, os mercados vão comemorar.

Palocci aproveitou para reiterar que não há motivo para preocupação com o comportamento da inflação no médio prazo. Segundo ele, a valorização do real terá efeitos positivos sobre as taxas, que só não serão notados imediatamente. Na véspera, o presidente do Banco Central, Henrique Meirelles, tinha dito que a meta de inflação para este ano, de 8,5%, poderia ser alterada caso os reajustes dos preços administrados continuassem acima das projeções da instituição.

– Não há o que temer em relação ao andar da economia, mas é claro que precisamos ser vigilantes. Não há uma confirmação de que eles (os preços administrados) estejam acima do estimado.

Com agências Bloomberg e Folha



“Fixar cotação do dólar foi um erro. Não quero cometer erros do passado. Quero cometer erros novos”